CADERNOS-MEB Nº 2

O RIBEIRINHO:

UMA EXPERIÊNCIA EM ALFABETIZAÇÃO INSERIDA NUMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR

UBIRAJARA J. AUGUSTO (ORG.)

EXPERIÊNCIA

DADOS DA DIREÇÃO

CONSELHO DIRETOR NACIONAL (CDN):

Dom Miguel Fenelon C. Filho - Presidente
Dom Antonio Soares Costa - Vice-Presidente
Dom Rino Carlesi
Dom Augusto Alves da Rocha
Dom Alcimar Caldas Magalhães
Dom Patrício José Hanrahan
Profª Maria Celeste Gomes Muraro

SUPLENTES DO CDN:

Dom Lino Vombömmell
Dom Benedito Francisco de Albuquerque

SECRETÁRIO GERAL:

Padre Agustin Castejón Garcia

EQUIPE PEDAGÓGICA:

Pedro Inácio Amor
João Bosco Bezerra Bonfim
Ubirajara José Augusto
Dirsomar Ferreira Chaves

O RIBEIRINHO:

UMA EXPERIÊNCIA EM ALFABETIZAÇÃO INSERIDA NUMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR

ÍNDICE

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
1. O Agente Educativo..... 03
2. Tipo de Programa..... 03
3. Instituição Responsável..... 04

II - PROGRAMA EDUCATIVO
1. Objetivos dos Programas do MEB..... 06
2. Características do Agente..... 07
3. Características das Populações Atingidas pelos Programas do MEB..... 07
4. Principais Atividades..... 08
5. Área de Agrangência..... 09
6. Metas de Atenção..... 09
7. Seleção e Recrutamento do Agente Educativo.. 09
8. Formação e Capacitação do Agente Educativo.. 10
9. Funções e Condições de Trabalho do Agente Educativo..... 13
10. Condições de Trabalho..... 15

III - DESCRIÇÃO DO PROCESSO EDUCATIVO NA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO
1. Como se dá a Relação Teoria e Prática..... 17
2. Os Eixos Problemáticos do Processo de Formação 17
3. Em Busca de um Modelo de Ação Promocional... 18
4. Congruência e/ou Incongruência do Programa de Formação com a Dinâmica Sócio-Educativa que Vive o País..... 26

IV - ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO, EM CONJUNTO, ENFATIZANOO TEMÁTICA, METODOLOGIA E MATERIAIS 29

ANEXO - ROTEIRO ELABORADO PARA A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO DA CARTILHA "O RIBEIRINHO".... 33

MAPA - ÁREA DE ATUAÇÃO DO MEB - 1987..... 40

CADERNOS MEB - PUBLICAÇÃO ANTERIOR..... 42

APRESENTAÇÃO

Apresentamos aqui o nº 2 dos CADERNOS MEB, uma publicação que se destina a trazer à tona os debates, as experiências e reflexões sobre e a partir do trabalho educativo do Movimento de Educação de Base (MEB).

Este trabalho foi elaborado por Ubirajara José Augusto - assessor pedagógico do MEB Nacional - e apresentado por ocasião da realização da OFICINA DE TRABALHO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS INOVADORAS EM FORMAÇÃO DE AGENTES E MATERIAIS PARA A ZONA SUL, promovida pelo CREFAL (Centro Regional de Educação de Adultos e Alfabetização Funcional para a América Latina) e FUNDAÇÃO EDUCAR, no período de 1º a 03 de abril de 1987, no Rio de Janeiro.

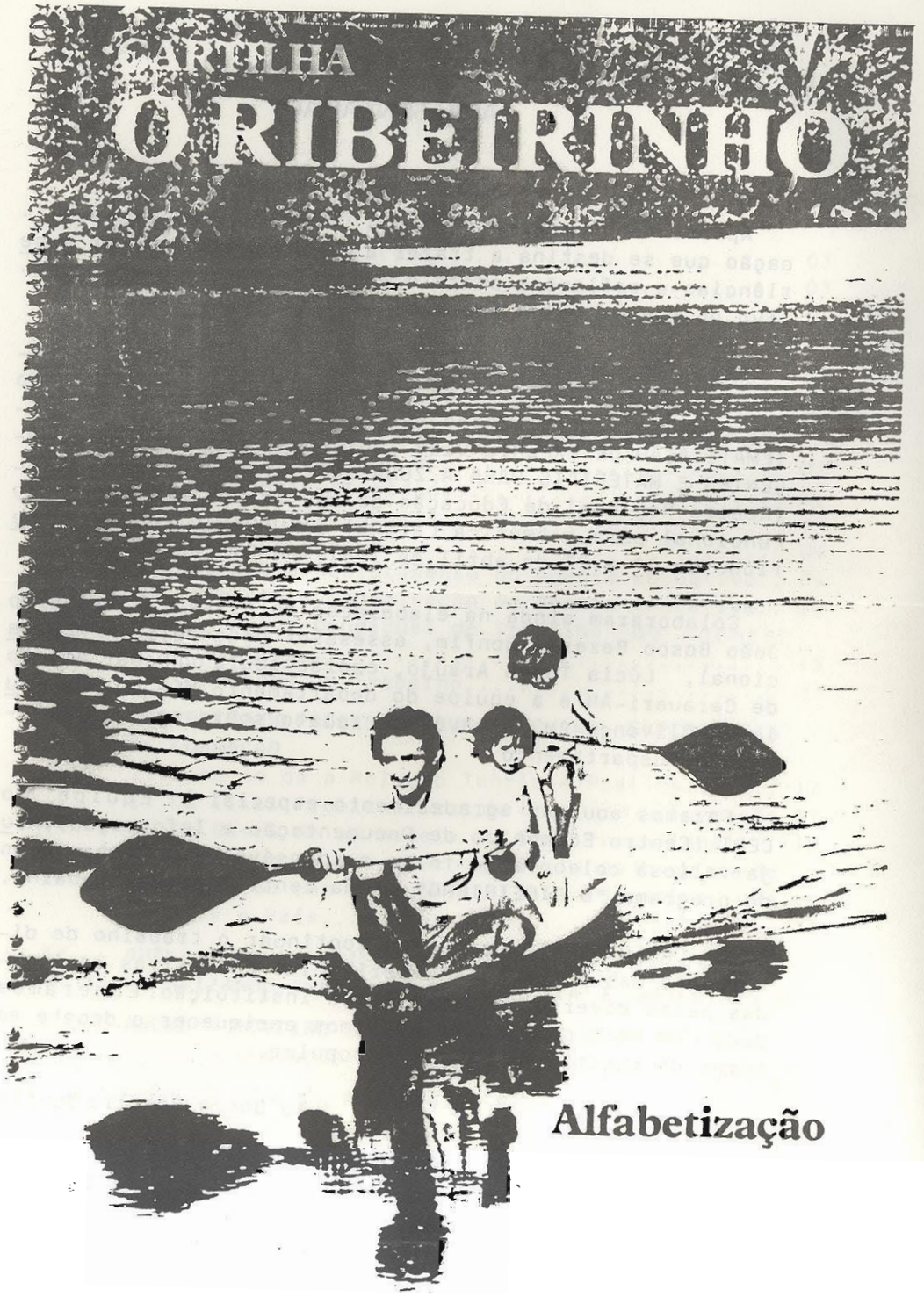
Colaboraram ainda na elaboração do presente trabalho João Bosco Bezerra Bonfim, assesssor pedagógico do MEB Nacional, Lúcia Teles Araújo, coordenadora do Departamento de Carauari-AM e a equipe do departamento MEB de São Paulo de Olivença-AM, através do relato sobre as experiências do departamento.

Fazemos aqui um agradecimento especial à Equipe do CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), cuja valiosa colaboração foi a responsável pela instauração do programa **"O RIBEIRINHO"**, tema central deste trabalho.

Os CADERNOS MEB pretendem continuar o trabalho de divulgação das principais experiências educativas realizadas pelas diversas equipes desta instituição. Esperamos que, com esta publicação, possamos enriquecer o debate em torno da questão da educação popular.

João Bosco Bezerra Bonfim.

Brasília-DF, agosto de 1987.



I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. O AGENTE EDUCATIVO

Existem hoje, no MEB, dois tipos de agente educativo: os supervisores e os monitores.

Supervisores são aqueles intermediários que são contratados pelo MEB para desenvolver suas atividades junto aos monitores e às comunidades. São pessoas que possuem um nível de qualificação de médio a superior e sensibilidade para a causa dos movimentos populares. São responsáveis por todo o processo de acompanhamento de formação e supervisão do trabalho desenvolvido pelos monitores. Atuam ainda, junto a lideranças comunitárias e sindicais, cursos de formação e acompanhamento dos trabalhos que são desenvolvidos.

Monitores são agentes educativos de base que atuam diretamente em sua comunidade. Têm como responsabilidade primeira cuidar da alfabetização e supletivo. Esses agentes, na sua maioria, são trabalhadores rurais, donas de casa, seringueiros, etc. Em muitos casos esses já desenvolvem outras tarefas na comunidade como as de lideranças sindicais, comunitárias e religiosas.

2. TIPO DE PROGRAMA

Um dos pontos principais nos programas do MEB é a alfabetização. Mas uma alfabetização que possa ajudar os educandos a enxergar de uma outra maneira a realidade que os mesmos estão vivendo. Acredita-se numa alfabetização que seja conscientizadora, que conscientize os trabalhadores para a vida comunitária como fórmula de superação dos problemas individuais e que, junto com outras comunidades, possa superar os problemas enfrentados pelo povo de um mo

do geral. Assim, o trabalho de alfabetização é encontrado como um trabalho de educação popular e, portanto, ligado aos movimentos populares e sindicais.

3. INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL

O grande responsável por estas ações educativas é o Movimento de Educação de Base (MEB), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e de colaboração do Ministério da Educação.

Fiel ao princípio que lhe deu origem, que é buscar junto aos grupos populares as soluções para os problemas que eles enfrentam, o MEB elegeu a forma participativa como premissa maior de sua metodologia. Não se procura resolver de maneira externa esses problemas, mas busca-se, no meio da própria comunidade, a forma de resolvê-los. O MEB acredita que, desta forma, participa de um proceso de educação que produzirá soluções mais duradouras.

Assim, o MEB sente-se responsável, mas esta responsabilidade não é individual, pois todo o trabalho desencadeado é no sentido de fortalecimento das organizações populares que, por suas características, devem ser autônomas para dar o encaminhamento às atividades de acordo com seus reais interesses.

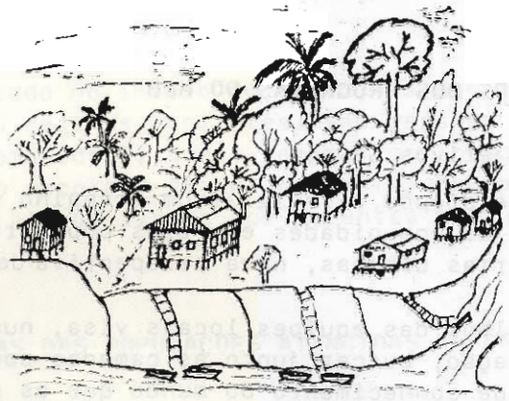
Programas de alfabetização, pós-alfabetização, supletivos, de formação política, sindical, cooperativismo, de saúde, etc., fazem parte da programação geral do MEB.

O programa "O Ribeirinho" é um projeto específico de alfabetização, com todas ás consequências que esta pode desencadear, conforme nossa visão de alfabetização expressa no ítem 2 da identificação. Foi iniciado após solicitação dos monitores e supervisores que trabalham nesta região que, em resumo, são os grandes construtores da cartilha "O Ribeirinho".

Este material consta de uma cartilha de alfabetização e outra de primeiras contas, além de uma cartilha de acompanhamento feita especificamente para os monitores. É importante salientar que este trabalho foi assessorado e organizado pelo CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), através de uma equipe de educação popular que

tem como coordenador Sérgio Haddad.

comunidade



comunidade

co - mu - ni - da - de

co	ca			co	cu
mu	ma	me	mi	mo	mu
ni	na	ne	ni	no	nu
da	da	de	di	do	du
de					

co	ca			co	cu
mu	ma	me	mi	mo	mu
ni	na	ne	ni	no	nu
da	da	de	di	do	du
de					

II – PROGRAMA EDUCATIVO

1. OBJETIVOS DOS PROGRAMAS DO MEB

1.1. Objetivos Gerais

O MEB se propõe a realizar um trabalho de educação de base junto às comunidades e grupos populares do campo e das periferias urbanas, numa perspectiva de transformação social.

O trabalhos das equipes locais visa, num amplo processo de educação, buscar junto às camadas populares, um nível maior de conhecimento do mundo que as cerca e inclua:

- a aquisição de técnicas de leitura e escrita;
- a capacitação básica na área de matemática;
- o estudo dos problemas de saúde e de uma medicina popular para enfrentá-los;
- o estudo e a discussão dos direitos humanos e dos direitos trabalhistas;
- a capacitação para a cidadania e o exercício da mesma;
- a melhoria de técnicas agrícolas básicas;
- a organização comunitária e a articulação inter-comunitária.

2.1. Objetivos Específicos

Este projeto visa capacitar os monitores, das áreas do rio Solimões, Parintins e Santarém, possibilitando-lhes desenvolver melhor suas atividades de alfabetização e outras tarefas que assumem junto às comunidades. Como o trabalho do MEB não se restringe à alfabetização, este projeto visa também conscientizar os educandos da necessidade de participação nos movimentos populares e sindicais, cooperativas, etc.

Não existe, hoje no MEB, um material específico para a

capacitação do monitor, utiliza-se a própria cartilha que será usada no processo de alfabetização posterior.

A partir das dificuldades de cada monitor, realiza-se atividades e exercícios complementares, visando sua inserção no programa educativo.

2. CARACTERÍSTICAS DO AGENTE

Como foi colocado no início do texto, os agentes edutivos diretos, ou seja os monitores, são pessoas oriundas da própria comunidade, quase sempre com pouquíssimo grau de instrução escolar. Alguns nunca frequentaram escola, tendo sido alfabetizados por parentes e/ou pelo próprio MEB.

3. CARACTERÍSTICAS DAS POPULAÇÕES ATINGIDAS PELOS PROGRAMAS DO MEB

A característica marcante das populações atingidas pelo programa do MEB é a condição precária de vida que todos têm em comum.

Normalmente são analfabetos; possuem péssimas condições de trabalho e moradia; praticam técnicas primitivas de saúde e higiene e têm poucas opções de lazer. Como são, na maioria, trabalhadores que vivem à margem do processo produtivo praticam técnicas agrícolas das mais conservadoras. Em se tratando do Estado do Amazonas, mais precisamente da região do Solimões e das regiões de Parintins e Santarém, a população e a região, além das características já mencionadas, possuem estas:

- a população é constituída de ribeirinhos que se ocupam com a agricultura e/ou com a pesca;
- vivem em comunidades distribuídas ao longo dos rios;
- organizam práticas coletivas, nestas comunidades, como a pesca, o roçado, reuniões de grupos comunitários, clubes de jovens e de mães, etc.;
- vivem em regiões de várzea ou em terra firme;
- as terras de várzea, muito mais férteis, são suceptíveis aos momentos de enchentes e vazante do rio,

trazendo, muitas vezes à vida do ribeirinho, consequências pouco favoráveis à sobrevivência;
- tanto nas terras de várzea como nas terras firmes cultivam produtos para consumo próprio, como a mandioca, produtos para a comercialização como a juta e a malva, além do comércio de peixe;
- para venderem seus produtos, estão sujeitos ao regatão (barco que compra e vende produtos nas margens dos rios) que lhes vende mercadorias da cidade e compra sua produção;
- não têm poder de barganha com o regatão, uma vez que ele representa a única opção de comercialização de seus produtos e de obtenção das mercadorias de que os ribeirinhos necessitam;
- estabelece-se assim, uma relação de dependência com o regatão, através de um constante endividamento do ribeirinho;
- para os que habitam próximos à sede dos municípios é possível vender uma parcela de sua produção na feira de produtos rurais que se realiza mensalmente.

Pode-se perceber que as populações das áreas em que se dá a experiência aqui apresentada vivem isoladas umas das outras. Por isso, para se desenvolver qualquer atividade nestas regiões, primeiro faz-se necessário realizar um trabalho que vise a grupalização para, num segundo passo, desenvolver outros trabalhos associativos que são geridos pela comunidade que começa a surgir.

4. PRINCIPAIS ATIVIDADES

As principais atividades que se realizam são os cursos de alfabetização, sendo que nos departamentos de Parintins e Santarém realizam-se também cursos de pós-alfabetização. Também são desenvolvidos cursos de formação política, sindical, cooperativismo, etc. Além dos cursos, são promovidas atividades em forma de ajuri (mutirão) que visam facilitar a vida de todos, tais como: roças comunitárias, construções comunitárias, limpezas comunitárias, etc.

Essas atividades, de um modo geral, são abertas a todas as pessoas da comunidade. Os próprios comunitários é que são os responsáveis por sua organização e pelo convite aos demais para que participem.

A exceção fica por conta dos cursos de alfabetização e pós-alfabetização que, devido a sua própria natureza, após certo tempo de iniciados dificultam a participação de novos elementos.

5. ÁREA DE ABRANGÊNCIA

O MEB é uma entidade nacional que atua nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Com seus programas atinge 144 municípios de 10 estados das regiões mencionadas. Como organismo de Igreja está implantado em 24 dioceses.

Na região Amazônica, onde se dá a experiência em alfabetização com a cartilha o "O Ribeirinho", trabalha em comunidades dos municípios de Santarém, Parintins, São Paulo de Olivença, Benjamin Constant, Fonte Boa, Jutaí, Tefé, Alvarães, Maraãs, Uarini e Amaturá.

6. METAS DE ATENÇÃO

- organização comunitária;
- criação e ampliação de espaços para discussão e participação das populações atingidas pelo processo educativo.

7. SELEÇÃO E RECRUTAMENTO DO AGENTE EDUCATIVO

A oferta do trabalho do MEB não é uma proposta de cima para baixo, ela é sempre reivindicação de comunidades e de grupos populares.

Assim, para iniciar a participação, primeiro faz-se um levantamento dos problemas, desenvolve-se um pequeno planejamento e, quando aparece nestas discussões a alfabetização, é que se levanta, em conjunto, os critérios em que o monitor tem que se encaixar.

Normalmente os critérios são:

a) conhecimento da comunidade;
b) domínio mínimo de técnicas da leitura e da escrita;
c) ter uma certa disponibilidade para trabalhar a alfabetização nos horários em que as pessoas possam participar.

Às vezes é indicada mais de uma pessoa para ser monitor, o que é um caso raro. Quando isso acontece, os supervisores conversam com todos, buscando aquele que tem melhor condição de ser formado.

As questões de idade, sexo, experiência e participação dos trabalhos comunitários, não são levadas em consideração, pois a necessidade mais urgente é a de aprender a ler e a escrever.

8. FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO DO AGENTE EDUCATIVO

Para o MEB a concepção de capacitação é buscar desenvolver as potencialidades e conteúdos que cada monitor carrega consigo e que estão adormecidas.

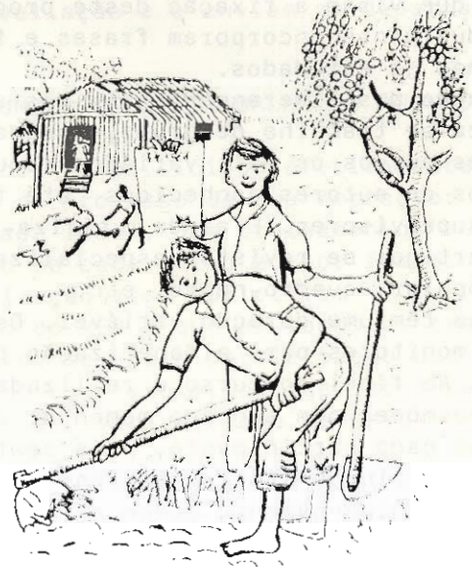
Assim, nos treinamentos, busca-se valorizar os conhecimentos do próprio agente da comunidade, ao mesmo tempo em que se repassa as técnicas pedagógicas básicas para o ensino da alfabetização e primeiras contas.

Quanto aos objetivos e a forma de capacitação, é formar os monitores para que possam desenvolver uma educação conscientizadora. Com isso não estamos afirmando que os trabalhadores não possuem consciência. Chamamos de conscientizadora uma alfabetização que os leve a fazer uma leitura crítica da realidade e criticamente atuar nela.

Além dos conteúdos das cartilhas de alfabetização e matemática, utiliza-se textos e poesias feitas, às vezes, por algum dos monitores. Esses textos servem para ser interpretados, para fazer exercícios de pontuação e algumas regras gramaticais fundamentais.

No que diz respeito à matemática, são aplicados uma série de exercícios complementares para fixação do conteúdo da cartilha. Além dos exercícios, são dadas técnicas para o repasse do conteúdo através de jogos didáticos. Utiliza-se nestes jogos: tampas de farrafas, palitos, sementes e outros materiais da região para compreensão do sistema decimal e das quatro operações.

Quando o curso é só para monitores, os aspectos didático-pedagógicos constituem a tônica principal. Quando se trata de outros cursos, como de formação política, sindical, cooperativismo, etc., além do conteúdo específico de cada curso, as ações referentes ao desenvolvimento da burocracia também são objeto de preocupação. Assim, ensina-se como se faz prestação de contas, como escrever em livros-caixa, etc. Buscar conhecer o que a comunidade precisa é uma tarefa que deve ser descoberta pela própria comunidade. Desta forma incentiva-se os sindicatos e as associações com os quais se trabalha para que promovam pesquisas participantes.



posse

po - sse

po	pa	pe	pi	po	pu
sse	ssa	sse	ssi	sso	ssu

No trabalho de capacitação para alfabetização, após fazer a discussão, conforme afirmamos anteriormente, segue-se a seguinte metodologia ou estratégia:

a) exposição do conteúdo do curso;
b) demonstração de uma ou mais aulas práticas;
c) exposição sobre o método.

Esta primeira etapa consiste em fazer a decodificação de uma ou mais palavras que constem da cartilha. Procura-se decodificar estas palavras nos contextos sócio-econômico, ecológico e cultural. Para cada palavra codificada há um desenho, uma foto ou uma gravura dos temas gerados. Há ainda, um quadro com "as famílias" dos fonemas da palavra.

Para cada palavra existe uma série de exercícios que foram construídos respeitando o momento da alfabetização do aluno e que visam a fixação deste processo. Estes exercícios gradualmente incorporam frases e textos que incluem os fonemas já estudados.

Na formação das lideranças, além das aulas expositivas, realiza-se trabalho de grupo, encenação, etc. Utiliza-se nestes cursos os mais variados recursos materiais, desde textos de autores conhecidos até textos elaborados pelos supervisores. E ainda, utiliza-se áudio-visuais, cartilha, artigos de revistas especializadas, cadernos de educação popular, quadro-negro, etc.

Os cursos têm uma duração variável. Os cursos de capacitação de monitores para alfabetização podem durar de 6 a 8 dias. Ao final do curso é realizada uma avaliação global do mesmo e, num segundo momento, uma avaliação individual, com cada participante, para sentir até que ponto o curso cumpriu os seus objetivos. Para as dúvidas globais faz-se um planejamento comum, enquanto que, paralelo a isto, monta-se um esquema para os problemas individuais.

Os outros cursos, que acontecem com maior frequência, dificilmente ultrapassam de 2 dias. Este período é sempre suficiente, pois o número de participantes é sempre pequeno, quando muito chega a 50 pessoas em um mesmo curso. Nestes, ao final, também faz-se uma avaliação e tira-se os encaminhamentos.

A capacitação das equipes dos departamentos está sob a

responsabilidade da equipe pedagógica do MEB Nacional, que acompanha e assessora os departamentos através de visitas, troca de correspondências, além de programar cursos específicos. Promove-se ainda, encontros regionais e nacionais com o objetivo de se discutir a prática educativa e de promover a troca de experiências entre os departamentos.

Além desse processo de visitas e encontros avaliativos e de programação, em alguns departamentos utiliza-se a programação radiofônica como apoio.

Através do rádio oferece-se cursos supletivos, cursos de aperfeiçoamento para monitores, cursos de formação política e sindical, etc.

Nestes cursos a comunidade se reúne para ouvir e discutir o conteúdo do programa transmitido. Ao final do curso fazem uma avaliação e a enviam ao departamento do MEB.

9. FUNÇÕES E CONDIÇÕES DE TRABALHO DO AGENTE EDUCATIVO

Os agentes do MEB participam efetivamente nos três momentos básicos do processo de sua formação: da pesquisa sobre a realidade local; nos treinamentos que são realizados no início de cada curso e, por fim, ministram as aulas de alfabetização e/ou supletivo.

Um princípio do MEB é que em todos os trabalhos desenvolvidos busca-se sempre a participação das pessoas envolvidas no processo. Assim, os agentes educativos participam de todos os passos que são dados em qualquer curso realizado.

No trabalho ora apresentado participaram desde o início, pois o mesmo surgiu de suas próprias reivindicações. Inicialmente foi realizada uma pesquisa para que eles mesmos pudessem fazer um diagnóstico da realidade vivida. Nesta pesquisa puderam ver os aspectos históricos, demográficos, econômicos, educacionais, sanitários, alimentícios, religiosos, culturais, sociais, recreativos, políticos, habitacionais, de comercialização, de crédito, associativos, segurança própria e social. Posteriormente foi escolhido, por eles, um conjunto de palavras-geradoras que foi remetida ao MEB Nacional e à equipe do CEDI,

petentes. Vale aqui o registro do depoimento de uma senhora do departamento de Balsas-Maranhão que, após ter a comunidade conseguido uma escola junto à prefeitura declarou: "Se conseguimos o nosso direito à escola para podermos estudar, também poderemos conseguir nosso direito à reforma agrária.

Negociando com o regatão

Seu Jonas foi pescar com o filho no rio Juruá. Foram com barco alugado. Mas foi todo o dinheiro no barco e não tinham nada para o sal. A solução foi pegar o sal aviado com o regatão. Muitos da comunidade negociam com um regatão chamado Severino. Eles foram falar com ele.

Severino deu o sal e combinou com seu Jonas de vender o peixe só para ele. Seu Jonas e o filho vieram com o barco cheio: piraíba, pirarara, dourado, nunca eles tinham pescado tanto peixe.

Veio o Altino, seu cunhado, e pediu para o Seu Jonas vender para ele. Ofereceu 450. Seu Jonas não pode vender, o peixe era do Severino. Só podia vender para ele e ainda faltava pagar o sal.

— Se você combinou não tem jeito, o Altino falou.

Mas ficou discutindo com Seu Jonas:

— Mais certo é tirar o dinheiro adiantado. Aí dá para vender melhor.

— Aí a dívida é muito maior. Eu peguei o sal com ele, pois ele não tira juros.

— Não tira no sal, mas tira no dinheiro do peixe. Ele vai pagar bem?

— Vai pagar 400.

— Pois tá vendo?

— Tá baixo, eu sei. Mas eu pedi e ele me adiantou na hora.

— Ele vai pegar por 400 e lá em Leticia vai vender por mais de 2 mil.

— Eu sei. Ele ganha muito mais. Nós lutamos com muito esforço e só ganhamos um pouco. Mas com ele é vantajoso. Ele adianta para o cara mesmo ele não tendo dinheiro. Muitos só negociam com dinheiro, senão não leve, ou tirando juro muito alto. Como eu podia ter feito então?

III – DESCRIÇÃO DO PROCESSO EDUCATIVO NA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO

1. COMO SE DÁ A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

Para equipe do MEB teoria e prática não são coisas excludentes. Ao mesmo tempo em que se desenvolve o trabalho prático o embasamento teórico vai sendo explicitado. Nos problemas que vão surgindo, nos planejamentos executados, na superação das eventuais dificuldades, cria-se possibilidade de surgimento de novas relações. Não se tem um modelo de teoria e de prática pronto e acabado. Os nossos conhecimentos teóricos nos servem de alimento para valorizar o saber do povo e trabalhar com este conhecimento, não como algo absoluto, mas como algo que serve de fermento para a nossa prática. Assim, cada trabalho é tratado de acordo com suas próprias peculiaridades.

Os trabalhadores, de um modo geral, ao longo de sua história constroem suas próprias teorias a partir de suas práticas. Deste modo sabem quando plantar; cuidar dos animais; constroem suas casas; fazem armadilhas para apanhar caças; produzem utensílios domésticos; cuidam da saúde e fazem trabalhos em comum com outros companheiros. Toda essa gama de atividades faz com que, ao longo do tempo, o saber vá se aprimorando. Para nós, este é o eixo fundamental na condução do trabalho.

2. OS EIXOS PROBLEMÁTICOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO

A dificuldade maior que se encontra no processo de formação é o baixo nível escolar da grande maior dos monitores. Muitos nunca estudaram em escola formal, foram alfabetizados, como já dissemos, às vezes, por parentes ou

amigos e/ou pelo próprio MEB.

Não podendo ter um bom desempenho, devido ao baixo nível escolar que possuem, muitos abandonam as escolas e isto provoca uma descontinuidade do processo de formação dos alunos e, até mesmo, de sua própria formação. Outros fatores que também contribuem para a descontinuidade do processo:

- o trabalho de subsistência:
  . trabalhar no roçado;
  . pescar para o sustento da família;
- incompatibilidades eventuais com a própria comunidade.

3. EM BUSCA DE UM MODELO DE AÇÃO PROMOCIONAL

3.1. Os Eixos Fundamentais do Processo Promocional

O eixo fundamental nos trabalhos desenvolvidos pelos departamentos do MEB e por seus monitores é a educação conscientizadora, que se dá através da alfabetização, da mobilização, da organização e até mesmo no campo da produção.

Na alfabetização trabalha-se com adultos e, em alguns departamentos, também com crianças.

Esta alfabetização tem como objetivo, entre outros, tornar o alfabetizando capaz de dominar as técnicas de leitura e escrita e domínio de operações aritméticas de suas transações comerciais com os patrões e com os regatões, tais como:

- comercialização da madeira; da seringa; dos produtos agrícolas; da castanha; do peixe, etc;
- compra de gêneros de primeiras necessidades (roupas, alimentos, remédios, etc.).

No campo da mobilização e da organização são desenvolvidas atividades que levam os trabalhadores a se organizarem em sindicatos e em associações por categorias de trabalhadores: seringueiros, pescadores, castanheiros, etc. Estas organizações atuam no campo da reivindicação de direitos e, timidamente, em cooperativas.

No campo produtivo encontramos nas áreas trabalhadas hortas comunitárias, roças comunitárias, casas de farinha comunitárias, formação de pequenas cooperativas e indústrias comunitárias. Estes são pequenos ensaios onde se procura ter na prática a aplicação dos pressupostos e concepções que inspiram a ação do MEB.

O trabalho avança e os trabalhadores começam a tentar sair do isolamento em que vivem e as soluções coletivas são buscadas para resolver seus problemas mais imediatos.

A necessidade de sair das garras dos regatões é algo que precisa ser resolvido imediatamente, pois este os mantem como escravos.

Então, formam-se farmácias comunitárias, clubes de recreação ou mercadinhos comunitários, bancos de sementes, caixas comunitárias, etc.

Para formar essas organizações cada um entra com uma certa quantia em dinheiro e/ou em produtos para serem revendidos. Com a quantia apurada compra-se na cidade mercadorias a preços de atacado que, posteriormente, são vendidas a preços de custo, acrescido apenas de uma pequena taxa de manutenção.

3.2. Uma Estratégia de Trabalho Comunitário

Neste ponto transcrecemos aqui, parte do relatório anual do departamento MEB de São Paulo de Olivença-Amazonas, tal como nos foi enviado, por acreditarmos que o trabalho de quem vive o dia-a-dia e a problemática de uma experiência como esta poderá expressar com maior riqueza a resposta desejada.

Atividades Comunitárias de São Paulo de Olivença-AM

"As atividades desenvolvidas nas comunidades trabalhadas pelo departamento MEB de São Paulo de Olivença, durante o ano de 1986, foram marcadas por momentos de crescimento progressivo, quando avaliamos a questão de organização, participação, compreensão e valorização destas no âmbito comunitário. Todavia, ao lado desses momentos de crescimento observou-se também vários pontos negativos, decorrentes da atuação das lideranças, do êxodo rural, distância do local onde os trabalhadores realizam suas

atividades de rotina, interferência dos políticos, falta de confiança e fé, falta de maior contado entre a equipe MEB e comunidades, questão de transporte, comunicação e saúde.

A descrição da realidade apresentada anteriormente esclarece as dificuldades enfrentadas tanto pela equipe quanto pelos grupos comunitários e, ao mesmo tempo, dá para se fazer uma paralelo entre a atuação da equipe e as respostas das bases, através das atividades que em seguida ressaltaremos.

Cada uma das atividades desenvolvidas nas comunidades tem objetivos específicos, contidos num objetivo geral, em vista de determinadas situações.

As atividades são desenvolvidas e são coordenadas pelas lideranças dos grupos em formação ou em desenvolvimento, com a participação do povo e sempre visando uma melhoria coletiva nos campos da produção, higiene e saúde, lazer, liturgia, diversos tipos de campanhas, reuniões comunitárias e de grupos e escolarização.

Vale ressaltar que nem todos os trabalhos tiveram o mesmo êxito. Alguns marcaram profundamente os participantes, enquanto outros provocaram desânimo. Como não se pode pretender que tudo "dê certo", analisando pelo lado da contribuição que os erros provocaram, já percebe-se que gradativamente os fracassos estão conduzindo os comunitários a uma titude mais reflexiva, conforme veremos no decorrer do relato das atividades.

Quando tratarmos das atividades desenvolvidas pela equipe analisaremos melhor a lenta caminhada do povo. Contudo, esta lentidão não é estática. O povo caminha e é dinâmico. Só que de uma forma diferente, a seu modo, sem preocupação com tempo ou com espaço, porque estas duas dimensões necessárias ao aceleramento do proceso, na sua visão, não faz sentido, porque não faz parte de sua vida. O povo pensa em termos de dia e noite. O dia é reservado para os trabalhos na agricultura, extração do látex ou da madeira. A noite é reservada para a caça, pesca e o repouso.

A realização dessas atividades não obedece determinado horário. Podem ser iniciadas as 5 ou as 8 horas da manhã. A hora do retorno depende da resistência física das

pessoas, da saúde e da alimentação. Por isso, para eles é estranho que nós do MEB, tenhamos tempo determinado para ir e vir. Acham que deveríamos ter uma disponibilidade maior, para atender os apelos e solicitações deles no momento que acham necessário".

3.2.1. Roça Comunitária

"Esta é uma atividade que se desenvolve durante todo o ano, considerando os períodos de desmatamento, limpeza e encoivaramento, plantio, capina, colheita e fabricação de farinha.

Treze comunidades realizaram esta atividade e conseguiram concluir 145 roças. O número de pessoas atingidas soma 1.485.

Com o incentivo e orientação de nossa equipe o apoio e organização dos grupos de trabalho, a atividade desenvolveu-se normalmente. Os "ajuris" (mutirões) foram estratégias bastante utilizadas em vista de agilizar o trabalho. Apesar dessas roças não terem objetivos coletivos, houve uma boa participação da comunidade, favorecendo as famílias mais necessitadas. É interessante ressaltar que a nova mentalidade em relação aos ajuris ajudou no fortalecimento da união e no aumento do espírito de fraternidade. O crescimento da participação aumentava na medida em que os problemas se agravavam, como por exemplo, por ocasião de enchente dos rios ou quando determinada família estava passando por momentos difíceis.

O grupo de trabalho tem contribuído para este progresso e fortalecimento da amizade e fraternidade, porque caminha para uma organização mais aprimorada. O líder do grupo procura, geralmente, reunir-se com os demais integrantes do grupo e com a comunidade para planejar as atividades, priorizando aquelas mais urgentes. Cada pessoa colabora com alimentos a fim de que os trabalhos não sejam paralisados. Agindo assim, as comunidades estão percebendo como estão favorecendo o aumento da área de plantio, a produção e a lucratividade. Sentem ainda que o trabalho em conjunto facilita e dá ânimo para prosseguirem, apesar das adversidades.

De vez em quando, surgem pequenos mal-entendidos que dificultam a caminhada, como é o caso de algumas famílias

que desconfiam que nunca serão beneficiadas ou de outras que usam de má fé, participando dos trabalhos até que sua roça esteja pronta, ou ainda, algumas que desconfiam das lideranças e deixam de participar. Todos estes problemas são provocados pela falta de uma melhor organização e distribuição das tarefas. As lideranças têm se esforçado bastante, mas encontram muita dificuldade para planejar suas atividades e repassar estes planos aos comunitários. Um dos motivos que dificulta o planejamento é a falta de saber prever o amanhã, calcular o tempo que irão gastar em cada trabalho, relacionado ao número de pessoas que serão beneficiadas. Por estas falhas, surgem os problemas no grupo e na comunidade.

O tipo de roça que estamos relatando não visa lucro comunitário, uma vez que o resultado da produção destina-se a cada família.

Por ser uma atividade de rotina, as roças comunitárias são atividades sempre presentes no dia a dia do ribeirinho.

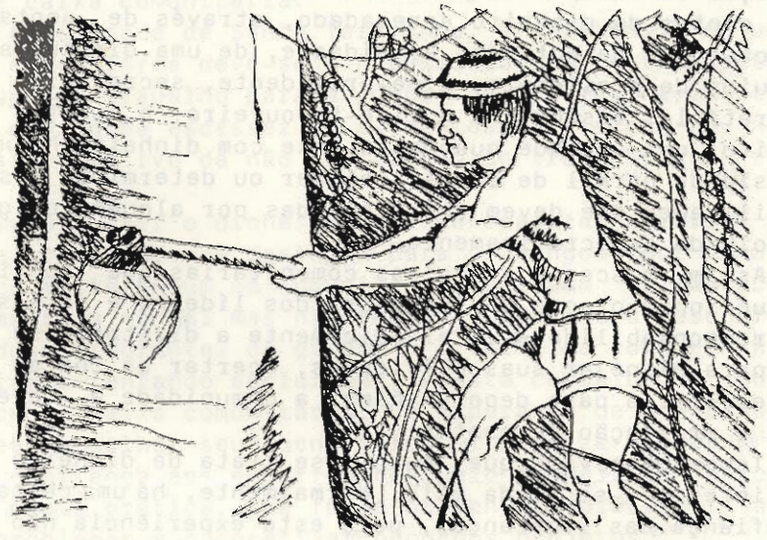
As comunidades que foram beneficiadas com os mini-projetos para equipamento de casas de farinha estão pensando de, no próximo ano, partir para as roças com objetivos comunitários, depois que todos os que trabalham na agricultura estiverem com as roças individuais prontas.

Temos dado nosso apoio através de incentivo e orientações que favoreçam o aumento da produtividade e da qualidade do produto. Temos falado ainda na agricultura alternativa, em vista de um melhor aproveitamento do solo e da renda familiar".

3.2.2. Caixa Comunitária

"A organização de caixas comunitárias teve as mais variadas finalidades em função de necessidades existentes que provocam sua organização. Cinco comunidades iniciaram esta experiência e a participação tem sido boa.

A abertura ou início das caixas foram antecipadas de reuniões para refletir sobre as necessidades e encontrar soluções que viabilizassem a concretização dos plantios. Algumas idéias serviram como ponto de partida para começar a aparecer um pouco de dinheiro, como por exemplo, doações de objetos para promoção de bingos, pagamento de pequenas taxas mensais ou arrecadação para se iniciar algum trabalho.



Itaúba

i - ta - ú - ba

i	a	e	i	o	u
ta	ta	te	ti	to	tu
ú	a	e	i	o	u
ba	ba	be	bi	bo	bu

i	*a*	*e*	*i*	*o*	*u*
ta	*ta*	*te*	*ti*	*to*	*tu*
ú	*a*	*e*	*i*	*o*	*u*
ba	*ba*	*be*	*bi*	*bo*	*bu*

Essas idéias provocaram outros questionamentos como, criação de equipes de tesouraria para administrar e prestar contas do dinheiro arrecadado, através de anotações em cadernos de entradas e saídas e, de uma diretoria constituída de presidente, vice-presidente, secretário, subsecretário, tesoureiro e vice-tesoureiro, o que foi bem aceito, uma vez que quando se mexe com dinheiro há uma necessidade normal de se estabelecer ou determinar responsabilidades que devem ser assumidas por alguém do grupo escolhido democraticamente.

Assim nasceram as caixas comunitárias que continuam a funcionar graças ao interesse dos líderes e o assumir de responsabilidades. Periodicamente a diretoria se reúne para planejar suas atividades, acertar as contas com a tesouraria para depois chamar a comunidade e apresentar a prestação de contas.

Temos observado que, quando se trata de dinheiro o povo interessa-se ainda mais. Normalmente, há uma certa desconfiança nas lideranças, pois esta experiência não tem sido boa para alguns grupos que tentaram organizar uma caixa comunitária em outros tempos. Com medo de que o dinheiro suma, o povo fica atento e quer saber como ele está sendo aplicado. Os comunitários confiam, mas querem conferir.

Um dos problemas mais graves que desestimulou alguns foi a falta de responsabilidade dos tesoureiros ou a cobrança de taxas muito altas em relação à mensalidade.

Destas experiências, destacamos as realizadas pelas comunidades de Bonfim, Bairro de Santa Terezina e Campo Alegre, cada uma com seus objetivos específicos.

No Bonfim, a caixa surgiu em vista da construção de um centro comunitário e o dinheiro chega através de pagamentos de taxas mensais, promoções de bingos, festas dançantes, venda de comidas e bebidas e outros.

Em Campo Alegre, o funcionamento de caixa é periódico, de acordo com as necessidades daquele momento, como foi o caso da compra de tijolos para a construção da Igreja Batista. Reuniram-se e criaram uma equipe encarregada de receber as contribuições e efetuar a compra de material. Tudo deu certo. Os tijolos foram comprados. Agora, as contribuições continuam a ser feitas em vista da compra

do restante do material. A este tipo de atividade denominam de caixa comunitária.

Na comunidade de Santa Terezinha, a existência de uma caixa comunitária deve-se à necessidade dos participantes do grupo de trabalho para a compra de gêneros alimentícios, quando há escassez de alimentos e em vista de não ser este o motivo da não realização do trabalho nas roças.

Para adquirir o dinheiro o grupo realiza diversos tipos de promoção, com destaque para os bingos, por ser uma prática muito comum na comunidade. Tentaram estabelecer uma uma taxa mensal mas não funcionou devido à desconfiança dos integrantes do grupos e à falta de compreensão.

Estamos tentando esclarecer, a esta comunidade, como funciona a caixa comunitária, na esperança de que o povo compreenda melhor seus benefícios, fiscalize mas dê um voto de confiança aos encarregados pelo dinheiro e encontre, nesta prática, uma forma de tentar solucionar alguns problemas e concretizar pequenos projetos".

3.3. A Recuperação Histórica do Trabalho Promocional

Na comunidade a recuperação histórica é um tanto difícil, tendo em vista que no meio deles, praticamente, não existe quem domine plenamente a técnica da leitura e da escrita, e portanto, não fazem registro de suas experiências e nem tampouco lêem o que está escrito sobre a história geral e sobre a sua própria história.

Outro fator é que os mesmos não vêm como necessária esta recuperação, pois isto não faz parte de seu mundo cultural. Agora, no desenvolvimento das atividades os supervisores buscam sempre a comunidade rememorar a caminhada dos grupos, tendo como objetivo avaliar os próprios avanços e recuos.

Desta forma a recuperação histórica é um elemento a mais para intensificar a caminhada da comunidade, pois ajuda o grupo a perceber o quanto é capaz de resolver seus próprios impasses na medida em que se organiza.

Deste modo faz-se uma ligação desta comunidade com outras e destas com a realidade maior do país. Faz-se tam-

bém a ligação do momento histórico que vive o país e a realidade dos trabalhadores de um modo geral.

Neste sentido, busca-se fazer um apanhado histórico, lembrando as lutas do povo por melhores condições de vida, de trabalho, etc., e como estas foram importantes para algumas conquistas que hoje pode-se perceber.

O objetivo de se fazer tal rememoramento histórico é despertar a consciência dos trabalhadores para que vejam como é necessário valorizar suas organizações. Isto deve ser feito de maneira que seu saber seja visto como algo importante no processo de mudança e algo em que se pode acreditar, pois já deram demonstração de que este conhecimento é força na luta para garantir os seus direitos.

Todo esse rememoramento é feito com análise a partir da história e da cultura do povo. Valoriza-se suas danças , seus credos religiosos, suas músicas, suas festas populares e sua forma de se organizar para defender a sobrevivência.

4. CONGRUÊNCIA E/OU INCONGRUÊNCIA DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO COM A DINÂMICA SÓCIO-EDUCATIVA QUE VIVE O PAÍS

O Brasil tem uma realidade onde 30% e, em determinadas áreas, até 70% de sua população é analfabeta, isto é, não domina a técnica da leitura e da escrita.

Não resta dúvida que isto provoca um processo de alijamento natural, uma vez que esta parcela da população não participa da maioria dos frutos gerados pelo avanço tecnológico da sociedade, nem tampouco intervem ativamente no campo político, na busca da construção de uma democracia em que os direitos fundamentais sejam garantidos.

Se por um lado, não sabem ler e escrever e nem participam efetivamente de processos como os já citados, por outro lado são portadores de uma sabedoria que foi acumulada ao longo da vida. Acreditamos que este saber não pode ser menosprezado quando se propõe a desenvolver um trabalho considerado libertador. Assim, nos cursos de capacitação dos agentes de base e/ou agentes educativos procura-se incentivá-los a perceberem a necessidade de se levar em consideração este conhecimento.

Ao proceder deste modo, acreditamos que estamos contribuindo para o fortalecimento da cultura do povo que, nem sempre é reconhecida e valorizada por ele próprio.

No momento em que percebem esta força, suas entidades se tornam fortes e capazes de resistir a possíveis mudanças estruturais e políticas. Caso assim não procedêssemos estaríamos oferecendo um serviço nos moldes da educação formal, que tem como característica levar as pessoas a ficarem cada vez mais apáticas e eqüidistantes dos problemas que afligem o povo ou, quando muito, buscam soluções individuais, o que, na verdade não resolve os problemas, mas simplesmente os transferem a outrem.

O MEB assume um conceito de educação e desenvolve, a partir deste, uma metodologia de trabalho onde se procura - através de informações e discussões - fazer uma ligação das lutas específicas da comunidade com a luta maior dos trabalhadores. Portanto, acreditamos que estamos em sintonia com a maioria da população, que ao longo da história vem realizando várias lutas, buscando superar suas próprias necessidades.

Entendemos que a inserção da prática educativa do MEB, na realidade sócio-educativa brasileira, tem se dado de modo a ser o mais harmonicamente possível levado a cabo, uma vez que é preciso construir um novo tipo de sociedade. Só nos trabalhos onde as soluções são buscadas através da participação popular é possível esta construção do novo.

Vamos ligar as frases aos desenhos.

A estrela brilha no céu.

Alfredo comprou frutas na feira do produtor rural.

Miguel escreveu um livro sobre o Solimões.

As crianças estão brincando de roda.

O prático encontrou o padre na prefeitura.

IV – ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO - EM CONJUNTO - ENFATIZANDO TEMÁTICA, METODOLOGIA E MATERIAIS

A experiência em alfabetização com o material "O Ribeirinho" até o presente momento tem sido rica.

Em todos os departamentos onde é aplicada, observa-se um número cada vez maior de pessoas alfabetizadas, bem como a participação destas em outras atividades associativas e organizativas tem crescido.

No departamento de Tefé, segundo os supervisores, dos alunos que começaram a ser alfabetizados em 1985, que eram por volta de 280, 170 chegaram ao final do curso alfabetizados.

No departamento de Santarém, dos 247 que iniciaram o curso em 1986, 193 estão terminando-o, e todos, alguns mais e outros menos, conseguem ler e escrever.

Neste último departamento existem dois exemplos que podem, até certo ponto, comprovar o sucesso da cartilha. Em uma comunidade, após a discussão da palavra "capela", os comunitários perceberam a importância e a necessidade de se construir a sua própria capela. Desta forma, teriam um espaço para reunião e, ainda, não precisariam caminhar 5 ou 6 quilômetros para participar de uma celebração.

Em outra comunidade, ao discutir-se a palavra "Itaúba" - madeira da região que serve, principalmente, para fazer canoa - os comunitários perceberam sua importância na vida da comunidade. Como esta madeira é muito procurada, notaram que a mesma estava se escasseando e que eles precisavam proteger as que ainda existiam. Pensando no futuro de suas comunidades, tentaram fazer um plantio desta árvore. Para isto estão buscando ajuda no escritório regional da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural).

Estes são alguns exemplos bem concretos. Agora, o nú-

mero de pessoas que estão a frente dos sindicatos e diversos movimentos populares, desenvolvendo com maior facilidade seus trabalhos não se tem como contar.

Outro aspecto a ser considerado foi a formação dos próprios monitores que, ao iniciar com suas aulas, tinham pouco domínio da leitura e da escrita, hoje, não só conseguem fazê-las com maior desenvoltura como também são capazes de atuar como agentes na alfabetização de outros comunitários.

As maiores dificuldades não se referem à metodologia, temática e/ou materiais, elas se resumem em:

a) Dificuldades conjunturais:
- a época das cheias dos rios, quando acontece, o povo prioriza suas atividades agrícolas;
- falta de espaço próprio para a realização das aulas que, às vezes, são ministradas na casa do monitor;
- maridos que impedem suas esposas de participarem dos treinamentos;
- dificuldades dos próprios alunos, que são obrigados a deixar as aulas para buscar alimento para a família.

b) Dificuldades no processo de ensino/aprendizagem:
- escrita fonética praticada pelos monitores em consequência da precária forma pela qual foram alfabetizados;
- dificuldades lingüísticas, tendo em vista que o falar do povo das diversas regiões nem sempre corresponde à escrita ofical do país, gerando alguns impasses;
- dificuldades do monitor em alfabetizar através do método silábico, já que seu aprendizado inicial deu-se através de um método alfabético;
- dificuldade do aluno na formação de novas palavras, a partir das sílabas estudadas, devido à subjetividade da linguagem escrita em confronto com o pragmatismo de seu universo cultural;
- dificuldades do monitor no repasse da questão do sistema decimal, já que o pouco que conhecia anteriormente de matemática restringia-se a operacionalização da adição e subtração, sem o conhecimento lógico desses mecanismos.

Sugestões:

A partir das experiências do MEB, em alfabetização, percebe-se que para desenvolver melhor atividades desta natureza é necessário:
- realizar o treinamento de monitores por um período mais longo;
- que as instituições governamentais, da área de educação, aloquem mais recursos às organizações da sociedade civil que se interessam pela educação básica de adultos.

Um dos grandes problemas é a falta de pessoas capacitadas para desenvolver, com maior rapidez, o processo de alfabetização, o que faz com que muitas pessoas desistam de ser alfabetizadas.

Acreditamos que é necessário, portanto, se investir mais na capacitação desses agentes. Além disso, proporcionar condições para que agentes de nível médio a superior possam atuar nas áreas mais carentes de recursos humanos, qualificados por períodos mínimos de seis meses. Estes agentes seriam recrutado nas escolas secundárias e superiores para desenvolver atividades de alfabetização, principalmente onde não há possibilidade de se ter um monitor local.

Com a implantação de um amplo processo de alfabetização no país, por parte de instituição como a Fundação Educar, teríamos em pouco tempo, através de uma estratégia de multipicação de pessoas, capacitadas nas próprias comunidades, condições para levar adiante as atividades de alfabetização e pós-alfabetização.

rádio

rádio

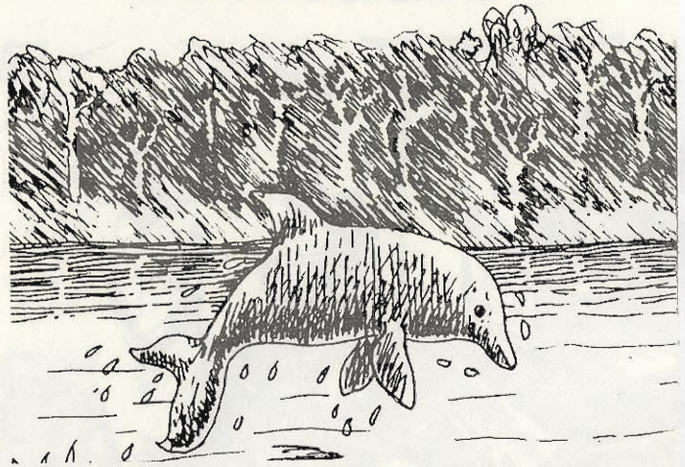
rá - di - o

rá	ra	re	ri	ro	ru
di	da	de	di	do	du
o	a	e	i	o	u

rá	*ra*	*re*	*ri*	*ro*	*ru*
di	*da*	*de*	*di*	*do*	*du*
o	*a*	*e*	*i*	*o*	*u*

ANEXO

boto tucuxi



Uauiara é o deus dos peixes. Ele aparece no jeito de boto. Se vê uma moça bonita, o boto vira moço bonito.

O boto aparece na beira e a moça se apaixona pela cara bonita dele. O boto é danado.

Ele é o dito pai de muito menino nascido. Ele é marido de moça solteira.

O pajé falava de uma história:

Uma moça bonita vivia ao lado de moço desconhecido. Uma noite ela levou susto. Viu uma cauda de peixe no meio das coxas do marido. Ela falou:

— Sai, bicho feio!

O marido saiu e sumiu no escuro. Ele não apareceu mais. Ela buscava notícia dele e não achava.

A moça foi para a beira e lá ficou. Ela chorava, chorava muito. O Solimões subiu, subiu muito e levou a moça.

Depois de muitos dias, o boto puxou a falecida até a beira e deixou ela deitada na areia.

ROTEIRO* ELABORADO PARA A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO DA CARTILHA "O RIBEIRINHO"

Foi montada uma estratégia de maneira a facilitar a participação de todos, abrangendo os aspectos técnico-pedagógicos, intrísecos ao método e material. Além disso, os técnicos do CEDI ficaram à disposição todo o tempo para solucionar dúvidas e colher sugestões para reelaborarem a cartilha.

Os técnicos chamaram de passos a cada etapa do trabalho, assim distribuídos:

1º passo: Apresentação

O objetivo do primeiro contato foi a apresentação das pessoas e o levantamento das expectativas do grupo, e apresentar a proposta esclarecendo os objetivos, as estratégias e a avaliação para todo o treinamento.

2º passo: Decodificação

Objetivo: Familiarizar o grupo com a primeira etapa do Método Paulo Freire, que é o diálogo. Através da conversa faz-se a leitura da realidade.

Estratégia: Apresentar um quadro que codifique a situação de ensino-aprendizagem de adulto. Discutir com o grupo seu significado e ligação com a realidade.

A partir daqui passou-se a descrever separadamente as atividades de português e matemática.

3º passo: (português) - Ficha de cultura

Objetivo: Proporcionar aos monitores a vivência com a etapa de discussão; analisar com o grupo a importância de falar e revelar os conhecimentos.

Estratégia: Decodificar a primeira ficha de cultura do material, estabelecendo um círculo de cultura.

Avaliação: Analisar com o grupo como cada um se sente nessa situação. Pedir que cada monitor identifique pelo menos dois aspectos positivos dessa forma de atuação no ensino-aprendizagem.

---

* Elaborado pelo CEDI.

4º passo: (português) Descodificação

Objetivo: familiarizar o monitor com as condições propostas para as palavras geradoras.

Estratégia: Descodificar com o grupo uma das codificações do caderno de português.

Avaliação: Cada monitor aponta as dificuldades que percebe nesse tipo de trabalho.

5º passo: (português) - Descodificação

Objetivo: Proporcionar aos monitores espaço para desenvolverem com o grupo a atividade de descodificação e avaliar as instruções do caderno do monitor relativas a esse ítem.

Estratégia: Cada monitor deve preparar, com auxílio do caderno do monitor, a apresentação de uma descodificação.

Avaliação: O monitor deve indicar os pontos em que teve dificuldades para preparar o trabalho e como se sentiu realizando o trabalho.

6º passo: (português) - Ler e escrever palavras

Objetivo: Verificar a experiência dos monitores com a alfabetização, como cada um ensina ou pensa ensinar, para posteriormente acompanhar com a proposta de Paulo Freire.

Estratégia: Colocar um cartaz com a palavra MATA e solicitar que cada monitor mostre ao grupo como faz ou faria em sua classe.

Avaliação: Que cada monitor aponte o que viu de importante nas estratégias apresentadas.

7º passo: (português) - Ler e escrever palavras

Objetivo: Verificar a clareza da linguagem e o nível de informação do caderno do monitor para esta etapa do trabalho. Proporcionar aos monitores oportunidade de se familiarizar com a estratégia de ler e escrever, proposta pelo Método Paulo Freire.

Estratégia: Cada monitor prepara, com auxílio do caderno do monitor, uma palavra-geradora, desde o momento de apresentação, até a escrita de palavras.

Avaliação: Cada monitor deve identificar os ponto em que teve dificuldades na preparação da apresentação e durante a própria apresentação.

8º passo: (português) - Os exercícios

Objetivos: Esclarecer a função dos exercícios como auxiliares na fixação e na ampliação do conhecimento.

Estratégia: Solicitar aos monitores que façam os exercícios e discutir com o grupo o que é função deles.

Avaliação: Os monitores devem indicar o que perceberam como importante nos exercícios.

9º passo: (português) - As palavras-geradoras

Objetivo: Esclarecer ao grupo a organização das palavras-geradoras e a ordenação de dificuldades da língua.

Estratégia: A partir da lista de palavras-geradoras, identificar as dificuldades fonéticas e montar um quadro que instrumentalize os monitores.

Avaliação: Cada monitor deve identificar no quadro os problemas possíveis para garantir a alfabetização.

10º passo: (português) - O caderno do monitor

Objetivo: Avaliar a linguagem e as informações do caderno do monitor.

Estratégia: Propor uma leitura coletiva do caderno do monitor.

Avaliação: O monitor deve identificar seus pontos de dúvida e esclarecimentos.

11º passo: (matemática)

Objetivo: Diferentes maneiras de ensinar as pessoas a somar, dificuldades, vantagens e preferências por cada uma dessas maneiras. A maneira que é proposta no caderno de matemática.

Estratégia: Os participantes são divididos em grupos, aos quais se dá uma tarefa: preparar e dar uma pequena aula para ensinar a somar 56 + 27. Oferece-se recursos diferentes para cada grupo. Apresentação dos vários grupos.

Avaliação: Discussão após apresentação, onde os monitores e supervisores presentes se colocam em termos de dificuldades, opiniões e sugestões sobre o material. A avaliação dos passos seguintes seguirá sempre o mesmo esquema, razão porque não será mencionada.

12º passo: (matemática)

Objetivo: Como cada um ensina ou ensinaria matemática.

Estratégia: Os participantes, divididos em grupos, escolhem um tema livremente, planejam e dão uma pequena aula sobre o tema escolhido, com discussão no final.

13º passo: (matemática)

Objetivo: O que é mais importante ensinar, dentro da matemática, para as pessoas da minha comunidade, por onde começar.

Estratégia: Os participantes preparam, em grupo, um "programa" de conteúdo de matemática, tendo por base as necessidades e expectativas que ele sente na sua comunidade. Os grupos apresentam as várias propostas e, na discussão, dá-se ênfase especial à sequência em que os conteúdos devem ser ensinados e à importância que cada conteúdo tem na vida da comunidade.

14º passo: (matemática)

Objetivo: Primeiro contato e apreciação do caderno de matemática.

Estratégia: Os participantes recebem a parte do caderno de matemática relativa a "numeração", sem o caderno do monitor, preparam e dão uma aula sobre uma pequena parte desse conteúdo.

15º passo: (matemática)

Objetivo: Primeiro contato e apreciação do caderno do monitor.

Estratégia: Os participantes recebem a parte do caderno de matemática relativa à adição e subtração, acompanhados do caderno do monitor e fazem os exercícios a atividades propostas, discutíndo ao final: dúvidas, falhas e lacunas.

16º passo: (matemática)

Objetivo e estratégia: iguais às do passo anterior, estendendo às outras partes do caderno de matemática e do caderno do monitor.

17º passo: (matemática)

Objetivo: Avaliação e modificações no caderno de matemática e no caderno do monitor.

Estratégia: Os participantes sintetizam suas apreciações e sugestões com relação ao material de matemática.

18º passo: (matemática)

Objetivo: Planejar o que está faltando.

Estratégia: Planejar juntos o que este treinamento nos mostrou que está faltando, principalmente, partes que têm a ver com a utilização diária da matemática pelos comunitários.

Último passo: Avaliação.

ÁREA DE ATUAÇÃO DO MEB - 1987

LEGENDA

- ■ Capital Federal
- ⊙ Capital de Estado
- ▲ Capital e Sede do MEB
- ● Cidade Sede do MEB

UNIDADES FEDERADAS, COM RESPECTIVOS DEPARTAMENTOS E SUB-DEPARTAMENTOS, CONFORME DISTRIBUIÇÃO NO MAPA

AMAZONAS:

1. Amaturá (sub-departamento)
2. São Paulo de Olivença
3. Fonte Boa
4. Jutaí (sub-departamento)
5. Tefé
6. Carauari
7. Parintins

PARÁ:

8. Santarém
9. Irituia
10. Santa Luzia (sub-departamento)
11. Marabá
12. Conceição do Araguaia

MATO GROSSO:

13. Cuiabá

MARANHÃO:

14. Imperatriz
15. Açailândia (sub-departamento)
16. Balsas (
17. Pastos Bons (sub-departamento)

PIAUÍ:

18. Teresina
19. Picos

CEARÁ:

20. Tianguá
21. Sobral
22. Itapipoca
23. Limoeiro do Norte
24. Crato

RIO GRANDE DO NORTE:

25. Natal
26. Mossoró
27. Caicó

ALAGOAS:

28. Maceió

SERGIPE:

29. Propriá
30. Estância

BAHIA:

31. Amargosa

DISTRITO FEDERAL:

32. Brasília - Capital Federal
    Sede do MEB Nacional

CADERNOS-MEB - PUBLICAÇÃO ANTERIOR

Nº 01 - MEB-HOJE: Avaliação e Prospectivas - fev/1987.

FICHA TÉCNICA

DATILOGRAFIA E DIAGRAMAÇÃO:

Maria Terezinha Rodrigues Vianna

IMPRESSÃO E ENCADERNAÇÃO:

José Nivaldo da Silva

ILUSTRAÇÕES:

Retiradas da Cartilha: "O Ribeirinho"

CAPA:

Ubirajara José Augusto